

CAPISTRANO DE ABREU – UM NOVO OLHAR SOBRE A MISTIÇAGEM DO POVO BRASILEIRO

Vívian Matias dos Santos Albuquerque*

RESUMO: *Capistrano de Abreu inaugurou um novo pensamento sobre a historiografia tradicional. Mesmo imerso numa conjuntura intelectual conformada por teorias psicológicas, antropogeográficas e biológicas que tentavam legitimar a superioridade da raça branca, Capistrano conseguiu se apartar destas influências, valorizando o gentio em seus estudos e pesquisas. Deste modo, o objetivo deste estudo é compreender como Capistrano de Abreu rompeu com a historiografia tradicional a partir do estudo do povo brasileiro. Para a concretização deste, a pesquisa bibliográfica mostrou-se o melhor recurso metodológico a ser utilizado. Percebeu-se que Capistrano lançou um novo olhar na historiografia nacional, percebendo de forma inédita a construção de uma memória coletiva compartilhada dos brasileiros, rompendo com muitas das teorias científicas que legitimavam a análise de nossa sociedade a partir da visão das elites. Deve-se lançar especial interesse sobre a abordagem que este deu às vivências de um povo até então esquecido e escondido por vergonha de sua mestiçagem. Sua sensibilidade ao falar de uma gente sofrida e submetida às culturas ditas superiores, ao mesmo tempo em que realizava uma análise científica, denunciava. Este aspecto chama a atenção na leitura dos ‘Capítulos de História Colonial’, principalmente no que se refere às suas críticas por meio da explicitação de algumas de suas falas em torno do indígena.*

Palavras-chave: Historiografia tradicional; História do Brasil; Etnia

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO: A CONJUNTURA INTELECTUAL EM QUE VIVEU CAPISTRANO DE ABREU – EUCLIDES DA CUNHA, UM CONTRAPONTO

Como Capistrano de Abreu rompeu com a historiografia tradicional a partir do estudo do povo brasileiro? Este ensaio tem como objetivo responder a esta questão. Para tanto, a pesquisa bibliográfica mostrou-se indispensável. Porém, talvez a limitação deste estudo resida na ausência de pesquisa documental, que percebo fundamental para um futuro aprofundamento desta problemática. O estudo exaustivo de recortes de jornais da época em que viveu o autor, de suas cartas e anotações, demonstrariam sem dúvida, de maneira mais aproximada a relação de aceitação/recusa entre o cerne do pensamento de Capistrano e as várias correntes intelectuais de seu tempo.

A inovação e a ruptura enquanto realizações de Capistrano de Abreu, somente poderão ser mais bem compreendidas se interpretadas dentro da conjuntura intelectual em que o autor viveu e produziu seus escritos. Como contraponto interessante ao seu posicionamento científico, optei por citar como exemplo, Euclides da Cunha, por ter se utilizado das teorias contemporâneas renegadas por Capistrano.

Euclides, mesmo tendo inaugurado uma nova profundidade nos estudos da existência popular enquanto resistência e luta – a partir do estudo da guerra de Canudos -, não se apartou das várias teorias que tentavam entender a proximidade etnográfica no Brasil. Utilizando-se n’*Os Sertões* em vários momentos, inclusive de um discurso eugênico¹ que, na busca de traçar um tipo

* Bacharela em Serviço Social, mestranda em Políticas Públicas e Sociedade, pesquisadora do grupo de pesquisa *Gênero, Família e Geração nas Políticas Sociais* da Universidade Estadual do Ceará – UECE. E-mail: vivianmsa@yahoo.com.br. Orientadora: Dra. Maria Helena de Paula Frota.

¹ O discurso eugenista estivera na base da construção dos tipos regionais que vão ser incorporados à figura do nordestino. Ainda o encontramos em muitos dos discursos que foram elaborando o novo tipo regional, que seria uma

racial brasileiro, percebia na mestiçagem a possível degradação de uma civilização. Neste aspecto, no capítulo “A gênese dos jagunços”, afirma que:

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso.(CUNHA, 2002, p.73)

Nesta passagem percebe-se também a influência de uma das vertentes científicas mais presentes na tradição intelectual - o Positivismo, que permeia muitas das afirmações categóricas que Euclides ousa ao longo de sua obra: “A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social. Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos. A afirmativa é segura” (CUNHA, 2002, p.52).

O progresso defendido por este autor estava, então, ameaçado pela incapacidade que as sub-raças carregavam de adaptarem-se à evolução civilizatória.

Não havendo, segundo Euclides, um “tipo antropológico brasileiro definido” (CUNHA, 2002,p.62), os indivíduos produtos da mestiçagem possuíam características físicas e morais não compatíveis aos “modernos” centros urbanos. No geral teriam uma convivência marginalizada com os “donos” da civilização.

Por sua vez, Capistrano inaugura um pensamento questionador no que diz respeito à “ordem civilizatória” do país, ao perceber que a historiografia somente tem valorizado, enquanto povo brasileiro, as elites brancas colonizadoras. Assim, confrontando-se com as várias teorias racistas, em seus escritos pode-se apreender uma resignificação e um outro tipo de valoração da mestiçagem de nossa gente.

CAPISTRANO DE ABREU: A RUPTURA COM O PENSAMENTO DAS ELITES NA HISTORIOGRAFIA TRADICIONAL

[...] ninguém lerá os Capítulos sem ver de imediato que Capistrano se preocupa com o “povo durante três séculos capado e recapado, sangrado e ressangrado”. (José Honório RODRIGUES, 1953)

Contemporâneo de Euclides da CUNHA, Capistrano de ABREU foi um dos inovadores da historiografia nacional. A história do Brasil, até então narrada a partir da perspectiva das elites, teve novo impulso com Capistrano, que passou a dar importância aos acontecimentos de um outro Brasil que se achava inexplorado. Seus estudos dão a devida relevância ao povo brasileiro, antes ocultado como motivo de vergonha devido à sua mestiçagem. Esta foi sua principal contribuição.

Diferentemente da produção euclidiana, Capistrano promoveu em suas obras uma ruptura com as teorias racistas então hegemônicas. O povo brasileiro, visto como inferior devido à mistura de raças, passa a ser valorizado e estudado de forma mais científica e menos preconceituosa. De fato foi um intelectual à frente de seu tempo e com uma ousadia inovadora: criticou e elucidou o pensamento dos principais teóricos de sua época, tal como Varnhagen²:

síntese dos tipos anteriores. Pensamentos como os de Gobinou, Lombroso, Pende, Agassiz, Gustave Le Bonn, Gumplowic, Berardnelli, Manouvrier, Spencer, Darwin, Taine, Haeckel, Buckle, associados a seus mais famosos divulgadores no Brasil como: Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Silvio Romero, Tobias Barreto e Oliveira Viana vão aparecer insistentemente como referências em discursos que procuram definir o que seria a “raça” regional, seu tipo médio, suas características somáticas e psicológicas. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003,p.167)

² Varnhagen, um dos maiores estudiosos da História do Brasil, situa-se, ainda dentro dos paradigmas da historiografia tradicional. Capistrano, aos 25 anos de idade escreveu o necrológio de Varnhagen (1878), onde demonstra toda a força de sua concepção sociológica da história. (BEZERRA DE MENEZES, 2001, p.88)

É pena que [Varnhagen] ignorasse ou desdenhasse o corpo de doutrinas criadoras que nos últimos anos se constituíram em ciência sob o nome de sociologia. Sem esse fecho luminoso, ele não podia ver o modo por que se elabora a vida social. Sem ele as relações que ligam momentos sucessivos da vida de um povo não podiam desenhar-se em seu espírito de modo a esclarecer as diferentes feições e fatores reciprocamente. (ABREU apud BEZERRA DE MENEZES, 2001,p.88)

O traço marcante da vasta produção intelectual de Capistrano, foi de fato, a incursão da Sociologia no construto historiográfico brasileiro, sendo o precursor da historiografia moderna.

[...] militou incessantemente pela superação de uma historiografia fragmentária, seccionada e meramente cronológica, apontando no rumo da produção de uma história de conjunto que desse sentido a cada período e articulasse as partes desse processo, infinito em seus desdobramentos: uma História abrangente que nascesse do diálogo com as Ciências Sociais. (BEZERRA DE MENEZES, 2001, p.92)

De acordo com J. H. RODRIGUES (1953, p.30), a obra de Capistrano foi construída fugindo dos parâmetros da mera conversação entre eruditos. Na realidade, o autor preocupou-se em escrever de forma sintética e simples, “sem pedantismo”, transmitindo o conhecimento de nossa história “mais social e econômica que política”, liberta da tradição cronologizante e exaltadora dos nomes de poderosos que ocuparam a liderança política no país ao longo de sua existência enquanto colônia e império.

Até meados dos anos 30, a história do Brasil era escrita de maneira pobre, sendo meramente narrativa e factual. Capistrano empenhou-se para escrever de uma outra forma. Dedicado estudioso dos pormenores de nosso povo, foi pioneiro no estudo da cultura lingüística indígena. Por este feito foi amplamente criticado por seus contemporâneos intelectuais, que diziam ser uma perda de tempo com minúcias irrelevantes³.

Para realizar o estudo da língua dos baciaeris teve de abandonar provisoriamente a história pátria, paralisando a revisão para a segunda edição –realizada postumamente- dos *Capítulos de História Colonial*. No entanto, apesar de sua paixão e reconhecimento da cultura do gentio como parte de nossa formação histórico-social, retoma seu ofício de historiador⁴.

Desde 1893 vinha estudando regularmente o baciaeri, [...] [somente] em 1896 ele publicara sobre a língua baciaeri seus primeiros estudos e nunca mais os abandonara, nem os concluía. Realmente, Capistrano não renunciou à história para baciaerizar-se, como ele mesmo se exprime em 1921. (RODRIGUES, 1953, p.22)

A VALORIZAÇÃO E RECONHECIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DO INDÍGENA NO PROCESSO HISTÓRICO, ECONÔMICO E SOCIAL BRASILEIRO

Ao invés de ter incorporado o ranço da inferioridade do povo brasileiro enquanto mestiço e antropológicamente impuro, Capistrano reconhece a importância do estudo de nossas raízes

³ “Seria impossível sumariar aqui toda a amplitude de suas contribuições como teórico e produtor da moderna historiografia brasileira, [possuía] conhecimentos em História, Geografia, Economia Política, Psicologia, Filosofia, Etnologia, Lingüística, etc.” (BEZERRA DE MENEZES, 2001, p.89)

⁴ Vale aqui dizer que Capistrano foi um autodidata. Não possuía nível superior, e no entanto, foi um dos maiores gênios da historiografia nacional.

étnicas para uma real decifração do Brasil. Deste modo, é presença constante em seus estudos a compreensão da marginalização das raças então consideradas inferiores enquanto produto de um processo dialético civilizatório de dominação e subordinação.

Nos *Capítulos de História Colonial*, a análise das relações sociais (de poder) estabelecidas entre o branco colonizador ou invasor estrangeiro, e os indígenas e negros é uma constante. A forma como escreve explicita uma maior preocupação em perceber não somente as estruturas sócio-econômicas significantes, mas também o sofrimento de nosso povo.

É deste modo que no capítulo intitulado “Antecedentes indígenas”, ao falar sobre a seca que assolava periodicamente o território entre os rios Parnaíba e São Francisco, percebe a luta do povo do sertão pela sobrevivência. Segundo o autor, aqueles mais pobres que somente dispunham de recursos locais muitas vezes acabavam por morrer de fome. Isso ocasionava a tentativa da convivência com o flagelo por meio da construção de açudes, da cultura das vazantes, da retirada do gado, da distribuição de ramos para alimentá-lo. E numa situação de extrema necessidade, apareciam “as grandes levadas de retirantes” (ABREU, 1954, p.49).

No que se refere ao seu lado “indigenista”, realizou uma crítica de como o imaginário social e até mesmo a historiografia tradicional reconhecia o gentio, reafirmando a indolência como traço característico da cultura de alguns destes povos, e, no entanto, enfatizando a sua contribuição na conformação da sociedade brasileira: “indolente o indígena era sem dúvida, mas também capaz de grandes esforços, podia dar e deu muito de si” (ABREU, 1954, p.56).

Ao falar da vida nas tribos indígenas, analisou não apenas estruturalmente a divisão social das atividades cotidianas, mas também a hierarquia estabelecida do ponto de vista social, político e até sexual. Havia, de acordo com os estudos de Capistrano, uma divisão sexual das tarefas executadas pelos índios: competiam às mulheres plantar, colher, cozinhar, e a fabricação de bebidas fermentadas; já os homens se encarregavam das derrubadas, pescavam, caçavam e guerreavam (ABREU, 1954, p.53).

Do ponto de vista da hierarquia entre homens e mulheres, de acordo com Capistrano, os índios possuíam uma forma curiosamente aristotélica de ver a procriação da espécie humana⁵. Sendo as guerras constantes entre os diferentes povos indígenas, “a cunhã prisioneira agregava-se à tribo vitoriosa, pois vigorava a idéia da nulidade da fêmea na procriação, exatamente como a da terra no processo vegetativo” (ABREU, 1954, p.54).

Vasculhando as relações entre a cultura indígena e as culturas consideradas superiores, Capistrano consegue apreender como os povos indígenas também assimilaram todo o discurso racista – científico ou não -, ocasionando neles próprios atitudes legitimadoras das relações raciais de poder então estabelecidas: “Da parte das índias a mestiçagem se explica pela ambição de terem filhos pertencentes à raça superior, pois segundo as idéias entre elas ocorrentes só valia o parentesco pelo lado paterno” (ABREU, 1954, p.80).

Assim, para Capistrano a imposição aos povos nativos da dita cultura superior colonizadora, era uma aberração. Abordando a atuação da Companhia de Jesus no trato com o gentio, escreve de forma irônica e crítica o processo de aculturação indígena:

Ora, os jesuítas representavam outra concepção da natureza humana. Racional como os outros homens, o indígena parecia-lhes educável. Na tábua rasa de suas inteligências infantis podia-se imprimir todo o bem; aos adultos e velhos seria difícil acepillar, poderiam, porém, aparar-se aresta afastando as bebedeiras, causa de tantas desordens, proibindo-lhes comerem carne humana, de

⁵ Aristóteles, em seu livro X da *Metafísica* teoriza acerca dos Genos afirmando que os dois sexos são compreendidos em um só gênero, onde apenas uma forma – a do pai – é transmitida num *geno*. A mulher seria apenas o “depósito” onde o homem guardaria sua semente para a geração de um novo ser. Esta, por sua vez, não transmitiria suas características genéticas ao filho, sendo somente o homem o responsável por “dar a forma” ao descendente. Este afirmou ainda na *Metafísica*, que os corpos femininos são inacabados como o corpo de uma criança, cujo sêmen é estéril e o cérebro é menor que o do homem (ALBUQUERQUE, 2004, p.08).

significação ritual repugnante aos ocidentais, impondo quanto possível a monoginia, começo de família menos lábil. Para tanto cumpria amparar a pobre gente das violências dos colonos, acenar-lhe com compensações reais pela cerceadura de maus hábitos inveterados, fazer-se respeitar e obedecer, tratar da alimentação, do vestuário, da saúde, do corpo enfim, para dar tempo de formar-se um ponto de cristalização no amorfo da alma selvagem. (ABREU, 1954, p.111)

Letrado e sensível, Capistrano de ABREU escreve como quem denuncia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Capistrano de ABREU contribuiu significativamente para a inteligência brasileira. Um outro Brasil e um outro povo é mostrado através da produção científica/ historiográfica deste autor.

A inovação de Capistrano reside no rompimento com as várias teorias racistas que embasaram tudo o que já havia sido escrito a respeito da história de nosso país. Este, ao contrário, ressignifica a participação do povo – e não das elites - na conformação da sociedade brasileira.

Intelectual eclético, insere a Sociologia em sua produção teórica, inaugurando uma historiografia moderna, que passa a dar conta dos processos sociais, econômicos e históricos de um povo agora valorizado e ressaltado nos estudos da história pátria.

De fato, Capistrano escreveu uma obra simples e objetiva, a qual ao mesmo tempo em que lançou um novo olhar sobre os significados das ações e símbolos de um povo sofrido, denunciou as relações de poder e as estruturas constituídas a partir da legitimação não somente político-ideológica, mas científica.

É evidente a importância da obra deste grande intelectual para a sociologia do pensamento brasileiro. À sua maneira, rompendo com os discursos elitistas, representou um divisor de águas no estudo da história de nosso país.

BIBLIOGRAFIA

ABREU C. **Capítulos de história colonial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguiet, 1954.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Nordestino – Uma invenção do falo**: Uma história do gênero masculino (Nordeste 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALBUQUERQUE, V.M.S. **Gênero e pesquisa**: caminhos cruzados - uma abordagem comparativa da participação de mulheres e homens na produção científica e tecnológica da Universidade Estadual do Ceará. Monografia (Graduação em Serviço Social), Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2004.

BEZERRA DE MENEZES, E. D. A cultura brasileira “descobre” o Brasil, ou “que país é este?!” – Uma pergunta à cata de resposta. IN: **Perturbador Mundo Novo**. São Paulo: Editora Escuta, 1994. (p. 15-41)

_____. A historiografia tradicional de Canudos. In: **CANUDOS: 100 ANOS DA DESTRUÇÃO**. Fortaleza, 1997.

_____. **Gênese e decifração do Brasil em Capistrano de Abreu.** (sua contribuição à historiografia nacional). Fortaleza, 2001.

CUNHA, E. **Os Sertões.** São Paulo: Nova Cultural, 2002.

GALVÃO, W. N. **Os Sertões: uma análise literária.** In: BEZERRA DE MENEZES, E. D. (Org.) **Canudos: As Falas e os Olhares.**

RODRIGUES, J. H. Prefácio à edição de 1954 d'Os Capítulos de história colonial. In: ABREU C. **Capítulos de história colonial.** 4. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguiet, 1954.